

O que é isto?



A ARTE COMO FORMA DE OLHAR, REPRESENTAR E CRIAR REALIDADES

O que é isto? A pergunta que nos impulsiona a conhecer o mundo desde a mais tenra infância e, provavelmente, nos acompanha desde o nosso nascimento como espécie humana também é, possivelmente, a primeira pergunta que a maioria das pessoas faz ao se encontrar com uma obra de arte. Além dessa, existe outra pergunta muito comum que, provavelmente, os(as) leitores(as) deste texto já fizeram ou já ouviram alguém fazer sobre uma obra de arte: O que o(a) artista quis dizer?

Uma rápida reflexão sobre as perguntas acima pode nos revelar que, por trás delas, há a ideia de que uma obra de arte teria, a princípio, uma mensagem a ser transmitida e, portanto, decodificada pelas pessoas que a observam. Essa ideia recorrente faz parte de uma construção cultural que, por sua vez, vem sendo bastante desconstruída na contemporaneidade por diversas linhas de pensamento sobre artes visuais e seu ensino.

Sobre a leitura de obras de arte, Analice Dutra Pillar (2014, p. 13)¹, uma importante pesquisadora sobre o tema no Brasil, diz que “ler uma obra seria, então, perceber, compreender, interpretar a trama de cores, texturas, volumes, formas, linhas que constituem uma imagem” a ainda “perceber objetivamente os elementos presentes na imagem, sua temática, sua estrutura”. A autora ressalta que, “no entanto, tal imagem foi produzida por um sujeito num determinado contexto, numa determinada época, segundo sua visão de mundo” e que “esta leitura, esta percepção, esta compreensão, esta atribuição de significados vai ser feita por um sujeito que tem uma história de vida, em que objetividade e subjetividade organizam sua forma de apreensão e percepção do mundo”.

Nessa perspectiva, é fundamental saber a respeito do contexto em que foi produzida, mas uma obra de arte sempre vai ser lida – percebida, interpretada, compreendida – por uma pessoa a partir de seus referenciais. Neste sentido, múltiplas leituras e significações são possíveis. E, ainda melhor, podem ser construídas a partir do diálogo, o que ressalta a importância da arte/educação.

1 PILLAR, Analice Dutra. Leitura e releitura. In: *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 2014. p. 13.

Trocac e Olhares, tal qual sugere o nome, é um material que parte deste princípio contextualizante e que busca, na forma de texto, reproduzir as experiências – estéticas – de olhar e dialogar sobre obras de arte, sobretudo a partir da liberdade do olhar infantil. Este material busca uma coerência entre forma e conteúdo, aqui entendidos como inseparáveis, e apresenta aos seus leitores uma proposta em forma de diálogo **com e sobre algumas** obras do **Acervo Sesc de Arte Brasileira**.

Em cada um dos encartes, podemos ler conversas específicas sobre obras selecionadas. Essas conversas buscam, sobretudo, informar e inspirar leitores que se reconheçam como educadores, em contextos diversos, com ou sem formação prévia em artes visuais. Isso inclui professores de escolas, profissionais de educação não formal e até mesmo pais atentos à formação cultural de seus filhos.

O texto é propositadamente escrito em uma linguagem rica em oralidade, baseado em conversas reais entre um adulto e uma criança, e apresenta a perspectiva de educação como mediação cultural. Logo, expressões informais e gírias fazem parte da proposta. Além disso, informações complementares e indicações de pesquisa são trazidas em textos paralelos, na busca de manter o fluxo das conversas.

O que é isto?

– Oi, tudo bem? Você gostaria de conversar comigo sobre algumas **imagens**¹?

– Oi, tudo certo. Imagens?! Depende. De que imagens você está falando?

– Imagens de **arte, de obras de arte**².

– Ah, arte, sei... aquelas que ficam nos museus?

– É... mais ou menos. É verdade que muitas estão em museus, mas acredito que você já deve ter visto imagens de obras de arte em livros, na televisão, na internet e, inclusive, em museus.

– É, agora que você falou, acho que já vi mais na internet do que em museus...

– Então eu tenho aqui um conjunto dessas imagens, que pertencem a um lugar que não é um museu, mas você pode ver muitas obras assim por lá. Imagino que você conheça o Sesc.

– Ah, o Sesc, claro! Já fiz várias coisas no Sesc perto da minha casa. É, agora estou até lembrando que lá também tem quadros e outras obras, assim, de arte...

– Então, eu gostaria que você olhasse para todas essas imagens e me dissesse qual ou quais te chamam mais a atenção. Ah, é importante dizer que são obras de **artes visuais**, porque existem outros tipos de arte, como teatro, música, dança...

–Deixa eu ver... esta **[obra Descartes Gadelha]**.

– Legal! Bem, eu quero que você comece me dizendo o que você vê nessa obra.

– Hum... uma coruja, uma coruja voando. Uma coruja bem grande, aliás, gigante. Ela está em cima, quero dizer, acima de uma pessoa.

– Certo. E que lugar é este?

– Uma cidade. Vários prédios. E tem outro bicho nesta obra: um gato.

1 O termo *imagem* pode ser abordado por diferentes pontos de vista, a partir dos campos da comunicação, do design gráfico ou das artes. No ensino de arte contemporânea, sobretudo da década de 1980 para cá, a abordagem crítica de imagens no contexto educacional é vista como algo muito importante, por diferentes linhas de pensamento. Podemos destacar autores como Ana Mae Barbosa (Brasil), Fernando Hernandez (Espanha), Kerry Friedman (EUA), entre outros.

2 Possivelmente, um dos conceitos mais complexos de se definir de todos os tempos. As definições do que seja arte são muito diferentes dentro de cada cultura e de cada período histórico. Neste texto, o termo "obras de arte" se refere a produções historicamente reconhecidas como tal, presentes em acervos de museus e instituições como o Sesc, que compreendem linguagens tradicionais das artes visuais, como desenho, pintura, gravura e escultura, além de linguagens contemporâneas, como instalação.

E pessoas. Pessoas esperando por alguém.

– Interessante. Quem são essas "**pessoas esperando por alguém**"³?

– Mulheres. Dá pra perceber pelo corpo, pelas roupas, pelo cabelo...

– Entendo, mas mulheres podem ter corpos, cortes de cabelo e roupas de muitos tipos diferentes, não acha?

– É mesmo... Já vi muitas mulheres com jeitos bem diferentes...

– Mas vamos voltar para a nossa obra. O que mais você está vendo?

– Acho que o tempo está nublado. Parece que não tem chão... Ah, é o reflexo, porque o chão está molhado. E tem uma escadinha que leva para fora...

– Calma aí, agora eu não entendi. Como assim "leva para fora"? Para fora do que? Da obra? Você...

- Sabe essa escada? A pessoa desce, aí ela vai para fora do prédio. Só isso.
- Ah... claro! Tão simples e eu não estava entendendo a sua perspectiva...
 - O que é perspectiva? Já ouvi falar, mas eu ainda não entendi o que quer dizer.
- Que bom que você perguntou, é importante para nossa conversa. Como eu explico? Entendo que todos os sentidos têm a ver com o olhar. Como agora, quando falei “sua perspectiva”, eu quis dizer que era o seu modo de ver, que pode ser diferente da minha maneira. Nós dois podemos olhar para essa obra de arte ou para qualquer outra coisa e vermos coisas diferentes, porque somos pessoas diferentes.
 - Entendi. Eu vi uma coisa e você viu outra, diferente. E qual é a certa?
- No caso da arte, as duas podem estar certas, porque uma obra pode ter muitos **significados**⁴, e quando nós conversamos sobre arte podemos descobrir juntos muitas formas de vê-la. Podemos até descobrir qual era a intenção do artista quando fez a obra e, mesmo assim, pensar em outros significados.
 - É, até que é legal essa história de perspectiva. Gostei dessa ideia de olhar para um quadro e pensar várias coisas que ele pode ser.
- E tem mais. Por exemplo, se você tira uma *selfie* com um *smartphone*, você aparece bem grande na fotografia e as pessoas atrás de você aparecem menores, não é? Mas essas pessoas muitas vezes não são menores que você, certo?!
 - Engraçado, é isso mesmo.

- 3 Nessa parte, o diálogo esbarra em duas questões relevantes e polêmicas: prostituição e preconceito contra a mulher. Embora sejam possíveis outras interpretações, as mulheres retratadas na pintura remetem fortemente à prostituição nos centros urbanos. Como o tema não surgiu na conversa real que inspirou o texto, não foi abordado, mas um educador pode problematizar a questão, de modo a romper com preconceitos. No decorrer do texto – e do material como um todo – há uma preocupação em fazer uma abordagem feminista e contra diversas formas de preconceito.
- 4 A ideia é conceituada no livro *Obra aberta* do escritor, filósofo e linguista italiano Umberto Eco (1932-2016), publicado em 1962. O conceito de obra aberta se relaciona à própria ideia de recepção da arte na contemporaneidade, o que, de uma forma muito sintética, indica que múltiplas interpretações são possíveis em relação às obras de arte, não existindo um único e exclusivo significado a ser entendido e/ou aceito. Conceitos contemporâneos como fruição e leitura de imagens dialogam com essa perspectiva, assim como a própria ideia de mediação cultural.

DESCARTES GADELHA

Coruja na Paisagem
(da série “De um alguém para outro alguém”),
Óleo sobre eucatex,
73 x 60 cm, 1990

J. BORGES

Coco de Roda, xilogravura,
47,5 x 64 cm, 1996

- Então, há séculos atrás, artistas sacaram que quando eles quisessem desenhar ou pintar alguma coisa para imitar a realidade, o que aparece como se fosse mais à frente, fica maior, e o que aparece como se fosse mais ao fundo, fica menor. Por isto...
 - Claro! A coruja é grande, gigante, porque ela está na frente do quadro, e as mulheres e o gato são pequenos porque estão no fundo. Irado! Vou usar isto com certeza nos meus desenhos.
- Isto também é perspectiva, mas enquanto uma técnica para criar uma ilusão: de que a imagem tem profundidade. Existem mais coisas importantes sobre este assunto, mas por hora...
 - E aqui, nesta aqui [**obra J. Borges**], é bem diferente, não é?!

– Você observa muito bem! Nem todos os artistas que retratam a realidade fazem isso do mesmo jeito, desde as primeiras pinturas nas cavernas.

– É que esse está engraçado! Tem uma mulher muito pequenininha, parece mais que é muito baixinha, não que está no fundo do quadro. Parece até os desenhos que eu fazia quando era mais criança.

– Este artista, como muitos outros, prefere criar suas obras com formas mais simples e cores mais puras. Trabalhos como esse são comuns em muitas culturas, inclusive no Nordeste do Brasil. Aliás, o autor desta obra, J. Borges, é de Pernambuco, e o autor da pintura que estávamos conversando antes, Descartes Gadelha, é do Ceará.

– Meu avô é de Pernambuco... Ah, aqui **[obra João Camara]** também tem perspectiva! Olha esta ave, aparece em tamanho menor do que deveria ser em relação à mulher.

– Assim como a árvore... Nessa obra tem coisas além de perspectiva. O que vemos aqui?

– Bem, parece uma época em que as pessoas não usavam muita roupa, mas não é a época das cavernas, que nem tinha roupa. Acho que estavam inventando as roupas nessa época, dá para ver pelo cenário, que parece um pouquinho mais avançado, mas as pessoas ainda estavam se acostumando a usar roupas, eu acho...

– Curioso... Você acredita que a arte sempre mostra a realidade?

– Não. Muitos quadros que eu já vi, a pessoa que fez não usou a forma do corpo humano direitinho. Como se fosse um cenário mais de desenho do que de realidade, sabe?! Mas esse, da mulher pelada, parece mais com a realidade do que aquele da mulher pequenininha.

5 Segundo a Enciclopédia Itaú Cultural, “em sentido amplo, abstracionismo refere-se às formas de arte não regidas pela figuração e pela imitação do mundo”, com especial destaque nas vanguardas europeias dos anos de 1910 e 1920 e, posteriormente, “inúmeros movimentos e artistas aderem à abstração, que se torna, a partir da década de 1930, um dos eixos centrais da produção artística no século XX”. A abstração segue presente na produção de muitos artistas contemporâneos, no Brasil e no mundo.

6 Nas palavras de Ana Mae Barbosa (2002, p.19): “O compromisso com a diversidade cultural é enfatizado pela Arte-Educação Pós-Moderna. Não mais somente os códigos europeus e norte-americanos brancos, porém mais atenção à diversidade de códigos em função de raças, etnias, gênero, classe social etc.”.

– Essa, da mulher nua, é de um artista chamado João Câmara e a obra se chama “A negra do sabão marrom”. Você acha que isto pode ter a ver com algo da história do Brasil?

– Nossa! Sabão! Parecia mais que estava pintando as costas... História do Brasil? Eu já aprendi que pessoas, que vieram da África, viraram escravas no Brasil por muito tempo, o que foi muito triste. Será que é por isso que essa mulher, com roupas e pele marrom, está dando banho na outra? Ela é uma escrava?

– Sim, acredito que seja uma mulher negra que foi escravizada. A arte pode nos fazer pensar sobre a nossa realidade, nossa história, inclusive sobre coisas ruins que não queremos que aconteça mais, como a escravidão.

- Caramba... Isso não é nada suave...
- No entanto, como já disse antes, este não é o único sentido que esta obra pode ter. Achei curiosa a sua ideia da época que “as pessoas ainda estavam se acostumando a usar roupas”, embora isto teria sido muito tempo antes da escravidão no Brasil.
 - Sabe, acho que a arte pode também não ter nada a ver com a realidade, porque olha esta aqui [**obra José Patrício**], parece dois grandes tapetes, mas são apenas vários quadrados, uns dentro de outros.
- Este tipo de arte, que chamamos de **abstrata**⁵, já existe em algumas culturas faz muito tempo, como em algumas culturas indígenas, por exemplo. E também já faz muitos anos que os artistas entenderam que era possível fazer arte combinando cores, formas e materiais, sem preocupação de significar alguma coisa ou retratar a realidade. Este artista, o José Patrício... o trabalho dele é mais recente, mas explora essa mesma ideia.
 - É... já esta aqui [**obra Vânia Mignone**] não é tão abstrata, do jeito que você explicou agora, mas também não é tão inspirada na realidade. Olha, esse “o segundo” não tem nenhuma cordinha que segura. E “o salto” também não. Ou talvez ele retrate a realidade, mas do jeito dele...
- E se eu te disser que é “ela”?
 - Uma mulher artista? Que legal! Ela ainda tá viva?
- Hahaha... Ela é viva, sim, e se chama Vania Mignone. Você acha que **artista é sempre homem, branco e morto**⁶?
 - Hahaha! Nunca tinha pensado nisso.
- E o que mais “ela” está retratando, “do jeito dela”?
 - Bem, tem vários quadros juntos, parece até uma história em quadrinhos gigante. Tem também várias pessoas, mas tem umas lâmpadas que não se parecem nem um pouco com as da realidade. A artista simplesmente criou estes quadros na forma de desenho e não 3D.
- 3D? Hahaha... Muito bom! Você quer dizer que aqui não tem profundidade, não tem perspectiva...
 - Isso, isso..... E sobre o que eu estou vendo... Acho que parece uma festa, com um parque.
- Hum... seria um circo? Para mim, lembra mais um circo.
 - Não, para mim parece mais festa junina, Carnaval... Parece que está ficando de tarde, porque está amarelo, como se o sol começasse a se por. Depois fica laranja e depois preto. O azul é o começo da festa, antes de ficar de tarde, com o céu azul.

JOÃO CÂMARA

A Negra do Sabão Marrom,
oleo sobre tela, 240 x 180 cm, 1988

VÂNIA MIGNONE

Sem título, acrílica sobre MDF,
140 x 1400 cm, 2010

JOSÉ PATRÍCIO

Progressão Cromática Crescente e
Progressão Cromática Decrescente, placas
de acrílico sobre madeira,
350 x 700 cm, 2011

– Você falou de um ou uma artista fazer a realidade do jeito dele ou dela. Podemos pensar que é como se eles pudessem criar realidades?

– Criar realidade? Que só existe dentro do quadro? É isso que também acontece em muitos filmes, gibis e livros, não é?!

– Com certeza! Podemos pensar sobre isso com esta obra aqui [**obra Dalton Paula**]:

– Nossa... Essa é bem maluca! Quer dizer... Maluca legal, tipo, interessante... Não maluca ruim assim...

– Hahaha, eu entendi! Pode falar numa boa.

– Então, tem duas pessoas que têm deficiência, nas cadeiras de rodas, e outras duas que não têm. Se bem que, essas outras duas não têm olhos.

– Neste caso então, elas também são pessoas com alguma deficiência?

– Sim, elas não podem ver. E elas estão em frente a uma lousa... Não, na verdade é como se elas estivessem fazendo uma homenagem, na igreja.

– Igreja? Porque elas estão com as mãos dadas?

– Não só por isso, mas tem as roupas que elas estão usando... e esse negócio que tem no colar, não lembro o nome...

– Crucifixo?! Nesse caso, deve ser uma igreja católica.

– Isso mesmo. Além disso, elas estão se apresentando, como se fosse uma aula e elas fossem dizer “agora vamos falar sobre Jesus...”.

– Ah, entendi: é uma missa, um culto, uma cerimônia. Sabe que o artista dessa obra, Dalton Paula, realmente trata sobre religião em suas obras? Não apenas sobre a Católica, mas especialmente as religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda. **Já ouviu falar?**⁷

– Sim, minha tia é da Umbanda, além disso estudei sobre esse assunto, quando estava aprendendo aquela questão da escravidão. Sabia que os escravos rezavam para os santos da igreja dos patrões, mas na verdade estavam rezando para santos deles?!

– Você manda bem, heim?! Isso tem um nome meio complicado: sincretismo religioso. Pensando de um jeito mais simples, é uma mistura entre as diferentes religiões. Surgiu desse jeito que você falou, mas depois, para muitas pessoas, ficou uma coisa só, sem separação entre o “santo” de uma religião ou da outra. Foi perfeito você falar sobre isto, porque para mim isso tem relação com essa obra. Conhece Cosme e Damião?

– Acho que sim. Tem aquilo de entregar doces para crianças.

– Na Igreja Católica, eles são dois santos que eram irmãos gêmeos e médicos. Já na Umbanda e no Candomblé, são entidades conhecidas como Erês ou Ibejis, que são crianças gêmeas, alegres e festeiras.

– Ah, então pra você são esses gêmeos... Ué, mas aqui não são quatro?

– Então, não posso dizer exatamente que aqui são Cosme e Damião, Erês ou Ibejis, mas, como o artista costuma fazer trabalhos sobre questões que envolvem as culturas e as situações de pessoas negras no Brasil, parece possível pensarmos isso. Dalton Paula sabe, por sua própria experiência, o que é ser negro em nosso país. Essa obra tem relação com coisas da realidade, mas não há preocupação em fazer um retrato mais próximo...

– E por isso são quatro e não duas pessoas, mas também pode representar esses gêmeos que você falou, certo?! Sabe que eu também pensei em gêmeos? Na verdade, pensei mais em espelho, por que um lado é bem igual ao outro, mas como estão de mãos dadas, aí pensei que só podia ser gêmeos...

– E o que acabamos de falar sobre não ter a preocupação de retratar a realidade? Podem ser gêmeos, mas também pode ser um espelho.



7 Nas palavras de Ivone Mendes Richter (2008, p. 105): "O ensino intercultural da arte tem como objetivo proporcionar uma educação mais inclusiva no seu sentido mais amplo, respeitando as individualidades pessoais e as características culturais de todos os grupos (...) Utilizar a arte contemporânea, em suas múltiplas manifestações e suas múltiplas estéticas, é um caminho interessante para alcançar esse objetivo".

DALTON PAULA

2º Gemelar, óleo sobre tela,
50 x 70 cm, 2008

TATIANA BLASS

Páreo #2, granito esculpido,
85 x 50 x 130 cm,
2006/10

– Vixi... agora estou achando ainda mais maluca essa obra... Legal, bem legal!

– Pois é! Até agora falamos de realidades criadas por artistas em pinturas e gravuras, ou seja, em obras que chamamos de bidimensionais.

– Bidimensionais?

– Sim, com duas dimensões: altura e largura. É o caso do desenho, da pintura, da gravura... Mas também existem as tridimensionais, ou seja, com três dimensões: altura, largura e profundidade. É o caso da escultura e outras técnicas que, como podemos dizer, "usam" o espaço.

– Como esta aqui [**obra Tatiana Blass**], com estas patas de touro.

– De touro? Por que essas patas são de touro e não de cavalo, por exemplo?

– É porque são pretas e lembra aqueles touros pretos que a gente vê nos desenhos e também na televisão, quando mostra as touradas da Espanha. Aliás, ele está numa escada e isso me lembra um vídeo que eu vi em que o touro, da tourada, pulava a cerca e começava a subir na arquibancada e as pessoas saíam correndo...

– Hahaha... você tem cada uma! Então você consegue ver esse touro descer a escada, mesmo apenas com as patas?

– Bem, ver eu não vejo, mas é como se desse para ver, entende?

– Entendo, claro. Mesmo não sendo uma escultura de um touro inteiro, esta artista...

– Esta artista? Mulher?

– Sim, se chama Tatiana Blass... mas eu ia dizer que ela trabalha com o espaço de um jeito que não é necessário nada além dessas patas. Podemos dizer que nessa obra também tem movimento?

– Bem, movimento de verdade não tem, porque está parada, mas realmente é como se tivesse um movimento, de descer a escada.

– Sabe o nome dessa obra? "Páreo #2". Por conta deste nome eu penso mais em patas de cavalo do que de touro.

– Páreo de corrida, certo?! Agora pensei que é como se cada pata estivesse num lugar do pódio.

– Muito legal! Eu nunca tinha pensado nisso... Mas, já que estamos falando de espaço e obras tridimensionais, acho que podemos fechar nossa conversa com esta obra aqui [**obra José Bezerra**]. O que vemos nela?

– Três pessoas. Na verdade, acho que são três alienígenas...

– Três alienígenas? Hahaha... Por quê?

– Porque os braços estão juntos, um deles tem três pernas e eles não tem mão.

– Aquilo tudo que conversamos sobre a arte não precisar sempre representar a realidade, especialmente de um jeito que fique bem parecido, lembra? Reparou que você começou dizendo que eram três pessoas? Depois, você disse que eram alienígenas.

– Quer dizer que eles não podem ser alienígenas?

– Sim, podem, como eu já te disse, muitas interpretações são possíveis e essa é uma, no caso, com base numa ideia de ficção científica. O que estou querendo fazer você pensar é: por que essas “coisas” não podem ser homens ou mulheres? Mesmo sendo tão “esquisitas”?

– É... bota esquisito nisso! Mas, pensando bem, não é tão mais esquisito do que quatro patas de touro ou cavalo descendo uma escada, não é?!

– Pois é! Vamos olhar por outro ângulo: existe nessa obra alguma “pista” do porquê do artista ter feito essa escultura dessa forma?

– Hum... É de madeira, então o artista deve ter usado uma faquinha e uma lixa para esculpir.

– Artistas usam vários tipos de ferramentas para entalhar madeira, como goivas, formões e até algumas feitas por eles mesmos.

– Olhando melhor, dá para ver que ele esculpiu a madeira, mas ele usou galhos e fez estes “homens” na forma destes galhos?

– Bingo! Este artista pernambucano, o José Bezerra, observa os pedaços de madeira e cria esculturas a partir das suas próprias formas. O artista até diz que ele não cria nada, que a coisa já está lá e ele só a ajuda a nascer.

– Hum... Isso me dá muitas ideias para aproveitar os galhos que eu encontro pela rua...

– Pois é... Enfim, acho importante dizer que tanto a Tatiana Blass como o José Bezerra criaram obras de arte utilizando o espaço, ou sejam, em produções tridimensionais, cada qual de uma maneira diferente. E com materiais e técnicas diferentes também, pois isso é muito importante nas artes visuais.

– Pois é! Não conversamos muito sobre como os artistas – e também as artistas – fizeram as obras e o que usaram para fazer...

– Sabe de uma coisa? Isso com certeza dá uma boa conversa... Mas é outra conversa.

JOSÉ BEZERRA

Homens Sertanejos,
escultura em madeira,
117 X 115 X 40 cm,
2008

ABSTRACIONISMO . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo347/abstracionismo>>. Acesso em: 11 de Abr. 2017. Verbetes da Enciclopédia.

BARBOSA, Ana Mae. As mutações do conceito e da prática. In: *Inquietações e mudanças no ensino de arte*. São Paulo: Cortez, 2002. (p.13-25)

BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane G. (org.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 13-22.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins, 2010.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FREEDMAN, Kerry. *Enseñar la cultura visual: Curriculum, estética y la vida social del arte*. Barcelona: Octaedro, 2006.

HERNANDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

RICHTER, Ivone Mendes. Arte e interculturalidade: possibilidades na educação contemporânea. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (org.). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo/ Editora SESC-SP, 2008. (p.105-111)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

Bibliografia

